



Ginástica, educação do corpo e saúde na Primeira República: reflexões a partir do manual didático de Manoel Baragiola

Palavras-Chave: Ginástica; Educação do Corpo; Livro didático

Autores:

Lucas William Moreira da Silva [Faculdade de Educação Física]

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Junior [Faculdade de Educação]

A compreensão sobre o corpo nos anos iniciais da Primeira República no Brasil foi marcada pela concepção de um homem integral, o qual deveria estar em plena saúde física, mental e espiritualmente (SEVCENKO, 2003). Para o ideal civilizatório do período era necessária uma regeneração, sendo a sociedade não apenas corrigida nos seus hábitos de higiene, como também em seus gestos, atitudes e comportamentos. É através da racionalidade que tais discursos julgavam o lugar e a maneira com que os corpos deveriam agir.

Neste cenário, entrava em vigor uma demanda maior à organização científica de higienização dos corpos na esfera social, tais como a infância, a vida doméstica e os espaços coletivos (PYKOSZ; TABORDA DE OLIVEIRA, 2010). Pautando-se no interesse da ampliação dos seus poderes, políticos, médicos, intelectuais e outros sujeitos comprometidos com a constituição de uma nova ordem do corpo e do cidadão republicano fizeram uso da escola por ser uma instituição pública de grande importância entre os defensores da modernidade.

Deste modo, apoiado na abordagem histórico-cultural, o presente trabalho investigou as representações sobre o ensino da ginástica a partir do livro *Gymnastica nas aulas: manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos*, escrito pelo professor Manoel Baragiola e publicado em São Paulo pela J. B. Endrizzi & Comp. no ano de 1895. Contratado para ministrar as aulas de Gymnastica e Exercicios Militares na seção masculina da Escola Normal de São Paulo entre o fim do século XIX e início do século XX, Baragiola buscava seu protagonismo na orientação de um modelo para as aulas mediante o debate dos métodos ginásticos no país. Neste sentido, foi possível compreender a relevância dos manuais como referência para o planejamento do ensino, mas também como ferramenta útil para destacar posicionamentos específicos sobre suas práticas no debate público. A partir dos discursos de



Baragiola, por exemplo, quais seriam os objetivos educacionais e as práticas mais condizentes com a ideia de “escola moderna”? Há indícios de que suas propostas pedagógicas traçam caminhos que, para além de uma ginástica racional, versavam sobre a conservação ou regeneração de um corpo útil à nação.

Outras fontes levantadas para incorporar o debate proposto, foram as fotografias das aulas de ginásticas do Colégio Caetano de Campos datadas de 1908, a Lei n. 88, de 08 de setembro de 1892, que instituiu a reforma da instrução pública do Estado de São Paulo e incluiu a ginástica e exercícios militares no currículo escolar, e os periódicos *O Commercio de São Paulo* e *Correio Paulistano*, do período de 1890 a 1916, que apresentam diversas notícias acerca do professor Baragiola.

Em relação ao manual e suas perspectivas didáticas, estabelecemos um diálogo com pesquisadoras e pesquisadores que focalizaram esses produtos culturais em diferentes espaços e tempos, tais como Circe Maria Fernandes Bittencourt (1993), Alain Choppin (2004), Laurence Hallewell (1985) e Kazumi Munakata (1997), contribuindo para as discussões sobre a produção e circulação dos materiais didáticos, áreas de ensino da educação moral e cívica, dentre outras possibilidades no âmbito educacional.

A linguagem do livro possui uma dimensão prescritiva e simbólica, dotada de referências europeias, a respeito de Ling, Obermann, Angerstein e Schreber, além do caráter militar que é expresso já no subtítulo “manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos”. Em sua dimensão simbólico-cultural, tal ensino deveria ter por fim o “desenvolvimento harmônico de todas as partes do corpo e o recreio do espírito” (BARAGIOLA, 1895, p. 17), defendendo, portanto, uma forma específica de educação do corpo. O livro é dividido em uma parte teórica, antecedida de um prólogo, e outra prática, mais extensa. Neste prólogo, Manoel Baragiola dedica-o ao professorado atuante no ensino das disciplinas de ginástica e exercícios militares.

A análise do material fotográfico foi abordada no diálogo com Boris Kossoy (2007), Dussel e Gutierrez (2006), Milton José de Almeida (2004) e Ana Maria Mauad em conjunto com Marcos Felipe de Brum Lopes (1997), em função do trato à imagem e história em âmbitos plurais. A partir de suas contribuições, refletimos que as potencialidades das fotografias à historiografia da escola desvelam opções estéticas, poéticas e nuances das atividades selecionadas para compor uma prática não casual, além do aprofundamento do estudo e valorização da memória da escola, práticas e saberes. Como assinala Dussel (2019), o trabalho com imagens permite um encontro com outras histórias e experiências. Ao estudar uma série de fotos amadoras sobre jogos infantis, a autora apresenta inúmeras questões em relação ao conteúdo das imagens, aos fotógrafos e fotógrafas e aos periódicos



nos quais foram publicadas. Em relação às fotografias analisadas neste trabalho, não foram encontrados o nome e a biografia do fotógrafo contratado.

É possível também remeter ao fato de que as câmeras fotográficas da época possuíam um maior tempo de exposição. Para que o registro da aula estivesse de acordo com tais preceitos, as crianças deveriam ficar paradas nas posições dos exercícios por algum tempo. Execuções de transição ou com movimentos não seriam bem captadas, e as estáticas eram preferíveis. Ainda assim, alguns borrões denunciam a inquietude do corpo infantil, o que percorre grande parte das imagens. No campo das representações, a forma física infantil se assemelha com a adulta, sugerindo uma possível projeção do que se depositava em seus corpos, a limpeza, o ordenamento dos gestos, a prática *correta* que acarretaria em um crescimento harmonioso e saudável das partes do corpo, inspirando sentimentos morais úteis à nação. Em outras palavras, a regeneração que *daria certo*, estava atada a uma cena que não necessariamente retratava a realidade, mas estéticas idealizadas de um período (DUSSEL, 2019).

Nesta esteira, são nas disputas presentes na escola que as fotografias como discurso se afirmam. Nos fins do século XIX e início do século XX, alguns teóricos e intelectuais creditavam a dados científicos e observáveis um status de conhecimento completo e objetivo da realidade e os usos públicos da fotografia neste período considerou estes postulados da verdade como centrais, como aponta Dussel (2019). Ao longo de todo o álbum, as únicas atividades físicas contempladas pela câmera fotográfica foram a ginástica, os jogos escolares e os exercícios militares. Na medida em que tais atividades ocupam um lugar privilegiado na educação pública republicana através de livros didáticos, currículo e festividades, outras práticas e comportamentos eram excluídas dos saberes escolares, em grande parte, aquelas que causavam desalinhamentos corporais, excessos de movimentação e gasto energético e que não estavam alinhadas, também, aos preceitos de higiene. Contudo, sua ausência, seja no currículo ou nos registros de imagem, não declaram que elas não existiam entre no cotidiano escolar.

Outra fonte selecionada, encontrada no extenso trabalho de Patrícia Golombek (2016) sobre a história da escola Caetano de Campos, foi uma crônica publicada pelo padre Deusdedit de Araújo no periódico *Correio Paulistano* em dia 13 de agosto de 1944. Esta era um manuscrito com memórias de Gaspar Teive de Ataíde, aos 6 anos de idade, no qual o padre encontrou nos pertences de um amigo, e cujo relato foi considerado por Golombek (2016, p. 147) de importância sumária, não apenas por ter sido escrito nos anos iniciais de criação da Escola-modelo, “mas de como eram os costumes e valores em uma cidade provinciana como São Paulo”. O trecho de grande valia a este trabalho, é na descrição de Gaspar dos seus sentimentos em relação às aulas de Manoel Baragiola: “Nuvem tenebrosa, no azul da floração de contentamento, erguida pelas severidades do mestre Manoel Baragiola. Nenhuma ojeriza contra o “boun uomo”. Sim, contra os exercícios de ginástica, sob normas de rigorismo



insuportável” (CORREIO PAULISTANO, 13/08/1944 apud. GOLOMBEK, 2016, p. 149). Não seria este sentimento, algo coletivo, compartilhado entre as crianças em aula? O rigorismo insuportável não faria parte, de maneira oculta, da estrutura de saberes e práticas da ginástica racional descrita no manual de Baragiola, defendida por ele, médicos, higienistas e certos grupos republicanos? Esta ideia não estaria atrelada à mentalidade da modernidade, do civismo e da moralização de corpos e mentes?

Marc Bloch (2001) nos auxilia a interrogar esta fonte. Aliás, compreendemos que a observação, a análise e as dúvidas que fazemos, no presente, leva à condição de interpretação e formulação dos problemas concernentes a elas no passado, às suas perspectivas de conjunto. Bloch (2001, p. 70) nos direciona a uma maior preocupação à transmissão dos testemunhos escritos e não-escritos, o que significa considerar que “todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância”.

Em diálogo com a análise das fotografias, nas aulas de ginástica entre os bancos das aulas, há aspectos diferentes daquilo que se praticava ao ar livre ou em um ginásio, algo comum aos defensores desta atividade. O espaço apropriado para a ginástica descrito em distintos manuais, nunca foram livres de coerção e, ainda que fosse praticado em meio à natureza, esta era controlada e artificializada para seus fins. Tratando-se do manual de Baragiola, a disposição dos corpos ordenados em ambientes fechados, como registrado nas fotografias, deveria ser expressiva, para ambos os gêneros, na representação de preceitos de saúde. No jogo das aparências, o controle das vontades e dos corpos era representados pelas fileiras formadas pelas crianças entre os bancos, a realização em grupo de um mesmo exercício, a claridade do lado esquerdo da sala, os quais indicam que as janelas tinham sido abertas, o alinhamento de um olhar atencioso ao professor ou professora de ginástica e roupas claras e arrumadas, mesmo durante os exercícios.

A análise das fontes selecionadas neste trabalho contribuiu para a reflexão sobre a historicidade da disciplina de Educação Física em um período de uma gradual institucionalização de práticas e saberes escolares no Brasil no entre o fim do século XIX e início do século XX. No processo para se fortalecer juntamente ao discurso médico através da defesa do controle e moderação, a educação física passa a contar com autores como Georges Demeny e Fernando de Azevedo, os quais estavam dispostos a ganhar espaço no cotidiano escolar (GÓIS JÚNIOR, 2015). Da mesma forma, é possível apontar exemplos deste modo de atuar no manual de Baragiola, quando a ginástica é apresentada como modelo único de atividade física a ser seguido em nome da saúde e da modernização. Prescrições como o desenvolvimento harmônico dos músculos, não marchar com a cabeça inclinada por ser pouco higiênico, expirações completas do ar para a revivificação do sangue e



descansar à vontade sem perder o alinhamento primitivo (BARAGIOLA, 1895) são práticas caracterizadas pela medida, mensuração e movimentos controlados.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. J. de. *Imagens e sons - A nova cultura oral*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004. 110p.

BARAGIOLA, M. *Gymnastica nas aulas: Manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos*. São Paulo: J. B. Endrizzi & Comp., 1895.

BITTENCOURT, C. M. F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. 369 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001. 159 p.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, nº 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

DUSSEL, I. La cultura material de la escolarización: reflexiones en torno a un giro historiográfico. *Educar em Revista*, v. 35, n. 76, p. 13-29, 2019.

DUSSEL, I.; GUTIERREZ, D. (compil.). *Educar la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. Buenos Aires: Manantial, 2006. 318 p.

GÓIS JÚNIOR, E. Georges Demeny e Fernando de Azevedo: uma ginástica científica e sem excessos (Brasil, França, 1900-1930). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, n. 2, p. 144-150, 2015.

GOLOMBEK, P. *Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil*. São Paulo, SP: EdUSP, 2016. 823 p.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1985 (Coleção Coroa Vermelha: Estudos brasileiros; v. 6). 816 p.

KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê, 2007. 174 p.

MAUAD, A. M.; LOPES, M. F. de B. Imagem, história e ciência. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 9, n. 2, p. 283-286, 2014.

MUNAKATA, K. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.